

# O Amigo Beletrista - parte II

por Yvonne do Amaral Pereira



 Convidou-nos, em seguida, a sentar numa poltrona de velho jacarandá, sentando-se ele próprio à nossa frente. E foi ali, naquela casa que abrigara a mulher que ele amara, embalado pelo encantamento da atmosfera da própria ambiência, que ainda conservaria as vibrações do drama então vivido, com as imagens das cenas fotografadas nas ondas etéricas que repletariam o recinto, que o amigo “Beletrista” narrou ao nosso entendimento espiritual o que desejaria escrever por nosso intermédio, numa crítica dolorosa ao Código Civil Brasileiro, pela ausência do divórcio, ausência que, comumente, segundo ele próprio, desgraçando corações muitas vezes nobres e generosos, concorre para lamentáveis desequilíbrios no seio da sociedade e da família. Fê-lo,

porém, agitado, por vezes presa de incontidas revoltas, por vezes banhado em lágrimas insopitáveis. Mas, não conseguia projetar os pensamentos com verdadeira mestria, de modo a imprimir aos quadros das suas recordações a beleza e a seqüência admirável usadas na literatura espiritual do gênero. Seus coloridos eram de cor cinza, com trechos amarelados e, de quando em vez, rajados de vermelho, dando a impressão de jatos de sangue a contaminar as cenas, o que indicaria, exatamente, a natureza de suas preocupações mentais, absorvidas nas lembranças do trágico desfecho da sua vida sentimental, como apreciaremos mais adiante.

Não nos permitiremos reproduzir, nestas páginas, o drama integral a que assistimos, vivo e patético, reproduzido, pela palavra espiritual

da entidade, com todas as minúcias da boa forma literária terrena, não obstante muito deixasse a desejar como literatura espiritual. E, assim agindo, nada mais fazemos do que observar ordens dos mentores espirituais, pois a dita história, sofrendo a rejeição desses vigilantes amigos, conquanto se apresentasse dramática, profunda e comovente, não poderia ser apresentada ao público sob os auspícios da Doutrina Espírita. Diremos, todavia, a título de curiosidade, para observação e meditação do leitor, que o exposto por “Beletrista”, como sendo o seu drama pessoal, é a história de uma jovem terna e sonhadora, abandonada pelo marido no segundo ano dos esponsais, o qual a ela preteriu pelas aventuras incertas de uma vida sem responsabilidade; a quem um sedutor, após, impele a faltar ▶

com os deveres de dignidade pessoal, e que, em conseqüência, se torna mãe de uma linda criança, que era o seu enlevo e o consolo das amarguras diárias provindas da lamentável situação. Mas, esse primeiro amante, brutal e tirano, torna-lhe a vida infeliz e tormentosa e a separação se impõe como necessidade inadiável. Surge, então, “Beletrista”, amoroso e sentimental, amando-a devotadamente pelas suas próprias desditas, qual generoso e romântico salvador... mas, a quem ela não poderá desposar, porque as leis civis, no Brasil, não o permitem, visto ser casada e não ser admitido o divórcio em nossas sociedades... Amam-se, entretanto, e a felicidade embala seus corações, durante algum tempo... pois que, em breve, ressurgem o espectro do passado, na pessoa do primeiro amante, que entra em lutas despeitadas e tentativas violentas para desunir o casal e arrebatá-lhes a criança... Arrebata-a, com efeito, depois de mil processos angustiosos, muito embora não consiga destruir a terna afeição que une os dois apaixonados... Mas, Maria Elisa, não suportando a dor de viver sem o filho querido, exausta de tantos desgostos e decepções, impacienta-se, enquanto “Beletrista” se desdobra em esforços para reaver o ente querido... e, num momento de desalento e saudade, suicida-se, incapacitada para continuar lutando. Desesperado, inconsolável, traumatizado pelo golpe irremediável, “Beletrista” adoece e sobrevém a neurastenia...

Uma vez terminada a narrativa, extraída dos refolhos do seu ser, o que quer dizer que ele, o expositor, viveu novamente, intensamente,

todos os seus atrozesses lances, ainda desfeito em lágrimas, como no próprio dia em que, regressando dos serviços da sua clínica, encontra Maria Elisa morta, com o revólver ao lado e uma bala no coração, estendida sobre um tapete de sangue já coagulado, o infeliz amigo desencarnado perguntou-nos:

– “Quando poderemos escrever esse drama? Acredite, minha senhora, seria um refrigério para o meu coração poder escrevê-lo!”

Ponderamos-lhe, porém, que o drama, que tanto o atormentava, além de encerrar uma história brutal e, por assim dizer, vulgar em nossos dias, quando os jornais diariamente apresentam à publicidade dezenas de dolorosos casos idênticos, não estampava o caráter moral e doutrinário exigido para

uma obra espírita:

– “Rogo-lhe procurar-me amanhã... Pedirei instruções aos meus conselheiros espirituais... Nada poderei decidir sem ouvi-los...”

Ele acompanhou-me cavalheirescamente, de retorno ao corpo carnal, não mais pronunciando, sequer, um monossílabo.

Na noite imediata, ainda no próprio “Posto Mediúnico” onde atendíamos aos trabalhos de reatuário, num intervalo dos mesmos, durante o qual permanecíamos à espera de novos prováveis pedidos, mas ainda em prece e meditações, apresentou-se o nosso amigo da véspera a procurar a resposta prometida. Recordamo-nos de que, então, se encontrava profundamente preocupado e triste, o que nos compungiu, infundindo-nos a ▶

**esse primeiro amante, brutal e tirano,  
torna-lhe a vida infeliz e tormentosa**



## ESTUDO

idéia de elevar uma súplica a Jesus, em sua intenção. Não obstante, ele nada dizia, nem interrogava, permanecendo discreto, em humilde silêncio. Compreendendo que não podíamos deixar de atendê-lo, travamos uma conversação telepática, tão vivaz, precisa e fiel, que nos parecia ouvir-lhe o murmúrio da voz, ou das vibrações mentais, que se afiguram ao médium uma perfeita voz humana, retratando até mesmo o tom vocal característico da personalidade que as emite. Dissemos-lhe, pois:

– “Meu irmão! Muito me penaliza declarar-lhe não me ser possível servir de intermediária para o seu ditado aos homens!”

Continuou em silêncio e nós prosseguimos:

– “Sim, porque uma obra patrocinada pela Doutrina Espírita há de apresentar também as conclusões morais, o ensinamento instrutivo das conseqüências dos erros praticados pelas suas personagens... Na sua triste história - perdoe-me dizê-lo - existe adultério generalizado e suicídio... mas nenhuma exposição moral analisando ambos... Existe amor e martirologio, mas nenhuma concepção doutrinária em torno dos fatos expostos... Como obra humana, de escritor terreno, seu valor igualmente seria relativo, pois que o assunto, em si, é a repetição de cem casos diários ocorridos em nossas sociedades, que preferem viver à revelia do respeito a Deus... Todavia, poderia ser literariamente bela, comovente, dado que fosse escrita com verdadeira arte... Mas, como obra mediúmica, seria falha, quiçá nociva...”

– “Nega-se, então, a me au-

xiliar?...” – exclamou, agastado, excitado.

– “A auxiliá-lo não me negarei jamais! Terei, mesmo, imenso júbilo em ser-lhe útil, de alguma forma... Porém, tenho responsabilidades que talvez o amigo desconheça... as quais me impedem atendê-lo no presente caso... Para que pudesse ser patrocinado pela Doutrina Espírita, seu drama precisaria reportar-se ao passado espiritual das personagens nele revividas, avançar pelo Invisível adentro, investigando as conseqüências espirituais das delinqüências cometidas... acentuar a catástrofe que se abate sobre o Espírito infeliz que praticou o suicídio... Suas páginas, meu irmão, deveriam conter conceitos que consolassem o leitor, sujeito sempre a múltiplos infortúnios, e que se desespera ou desanima ante as lutas cotidianas, conceitos sorvidos nos Evangelhos do Divino Mestre, que lhe apon-tassem, ainda, alvitre felizes do Consolador prometido, ou Espiritismo, para remediar suas próprias tribulações... ao passo que observei ontem, em sua longa exposição, que nem uma só vez o nome de Deus foi pronunciado! Por tudo isso, com a leitura do seu drama, tal como narrado, as criaturas colocadas em situação melindrosa, na vida de relação, somente encontrariam, em suas páginas, o desânimo, o desespero, ocasionando o suicídio, a inconformidade e a paixão incontrolável, gerando a neurastenia e a descrença, que igualmente conduzem à morte prematura...”

A entidade visitante bateu com força, com o punho fechado, sobre a mesa onde trabalhávamos, e onde o Evangelho do Senhor se

encontrava exposto, e retrucou, contrariada:

– “Mas... a obra será boa, na sua estrutura realista, será comovente, dirigida por um coração que sofre a outros corações que também sofram, para que se reconfortem na certeza de que não são os únicos a sofrer!... E será bem escrita, garanto-lhe! Já disse que fui apreciado beletrista!...”

– “Não duvido, meu irmão, mas isso não será bastante! Nas obras literárias de caráter espírita será necessário algo mais profundo e rigoroso! O senhor, com esse drama, teria escrito para o sensacionalismo dos livreiros, para sucesso dos monstruários, talvez, obra forte, de um realismo brutal e contundente... e os médiuns espíritas somente deverão ser intérpretes de obras moral e espiritualmente educativas, consoladoras... ou, então, científicas, filosóficas...”

– “Vossa Exa. poderá assinar o seu próprio nome, visto que não me importa permanecer à margem... Ninguém precisará saber que a obra foi mediúmica... Poderá enriquecer, pois alegra-me poder concorrer para a sua abastança, porquanto estou informado das dificuldades monetárias que a afligem... Garanto-lhe inspiração e motivos sensacionais e inéditos, para uma fecunda literatura, ao gosto da maioria do público. Entre os Espíritos, como eu, há dramas tenebrosos, inacreditáveis, inconcebíveis, ricos de emoções e originalidades, e isso agrada sempre o leitor, e produz renome! Eu lhe contarei tudo, escreverei pela sua mão! Obterá um nome famoso na literatura nacional e quiçá no estrangeiro, glória, fortuna, admi- ▶

ração, adoradores!...”

— “A Doutrina Espírita ensina aos médiuns, meu irmão, que a fortuna de um intérprete do Invisível será a paz da consciência, e que a sua glória estará no dever cumprido, perante as leis de Deus, como na renúncia ao mundo pelo amor ao Bem e à Verdade... Eles não poderão visar jamais a quaisquer lucros pecuniários, com a sua produção mediúnica... porque, se assim procederem, estarão incorrendo em penalidades graves perante a própria consciência e a santidade do mandato que lhes foi confiado... Não me atraem, portanto, o renome que poderia conquistar com os favores que o irmão, muito bondosamente, pensaria em conceder-me, nem glórias terrenas e tampouco os tesouros que a ferrugem possa consumir e os ladrões roubar”, tal como advertiu nosso Divino Mestre. Dentro da Doutrina Espírita, somos reeducados no desinteresse dos bens temporais... Todavia, tenho uma coisa para lhe dizer...”

— “Diga-a...”

— “Porque não inspira os beletistas terrenos, não espíritas, que desejariam glórias e fortunas?... Partindo do princípio psíquico de que todos os homens são influenciáveis pelo mundo espiritual, talvez esse alvitre viesse ao encontro dos seus desejos, visto não desejar aparecer como o verdadeiro autor dos trabalhos a serem escritos...”

A resposta foi viva, peremptória:

— “Não, não quero! Esses não me servem! Desfigurarão com suas próprias idéias e conceitos pessoais o que eu desejaria expor... Já o tentei várias vezes... mas deturparam quanto lhes soprei aos ouvidos...

O trabalho tornou-se ridículo, detestável...”

— “Permite, então, um conselho?...”

— “Que importa meu destino, para que me deseje aconselhar?... Pois se me nega o favor de...”

— “Importa-me muito profundamente o seu destino! A Doutrina que professo exige do seu adepto o fraterno interesse pela sorte de todas as criaturas, as quais passamos a considerar irmãs muito queridas... Quero, por isso mesmo, vê-lo feliz, meu irmão, recuperado, primeiramente, para Deus e para si próprio,

é um homem, e, sim, um Espírito! Espiritualize-se, portanto, alçando a mente, todas as suas energias e vontades, para o Mundo Espiritual, ao qual pertence! E o primeiro passo para a grande renovação que se impõe na sua individualidade é a prece, a meditação em torno das Ciências Celestes e não em torno do amor de uma mulher; o estudo da Filosofia Espírita... pois essa Filosofia é universal, abrange a Terra, os Espaços sem fim, os mundos siderais, a alma das criaturas, o coração de cada um de nós... Procure adaptar-se ao conceito do amor a

## os médiuns espíritas somente deverão ser intérpretes de obras moral e espiritualmente educativas

e depois para as Belas-Letras e a sua Maria Elisa...”

— “Oh! Crê, então, que, um dia, reencontrarei Maria Elisa?”

— “Certamente que a encontrará! Depois que ambos se reajustarem aos rígidos princípios do dever e após resgatarem os débitos contraídos durante os desvarios das paixões, oriundas da descrença em Deus! Encontrá-la-á, novamente, sim, que dúvida! desde que seu sentimento foi sincero, apesar de infeliz e desequilibrado...”

— “Aconselhe-me...”

— “Faça, de início, um esforço para se acalmar esquecendo o passado, para só tratar do futuro, esquecendo as Letras, o amor infeliz! Como vê, é necessário, em primeiro lugar, a renúncia! E ore! O amigo não deverá esquecer que não mais

Deus e ao próximo... e calque nas profundidades do pensamento a saudade dos fatos que o torturam... Nesta casa, meu amigo, ora-se, estuda-se e trabalha-se, inspirando-se no amor de Deus e do próximo... Foi médico na Terra?... Ainda o é no Invisível, porque o sagrado patrimônio intelectual de cada um de nós é bem imortal, que jamais perderemos. Aqui, a esta casa, acorrem doentes, como poderá verificar... Acabo de solicitar, dos médicos do Além, receituário para seus diferentes males físicos... Ajude-nos a aliviar suas dores, curando suas doenças físicas para, mais tarde, poder aliviar, também, os males morais de outros tantos enfermos... Ore conosco, assistindo metodicamente a nossos estudos e meditações... Convido-o, mesmo, a estudar diária- ▶

## ESTUDO

mente comigo, no silêncio do meu aposento, que conhece... e preste atenção aos ensinamentos contidos nos livros que leio e nos que me dão as nobres entidades espirituais, que e me concedem a honra dos seus ditados mediúnicos... Depois... Depois, meu amigo, o caminho a trilhar por si mesmo se descortinará, permitindo a paz que há faltado ao seu coração, até hoje...”

Nada respondeu, mantendo-se em triste silêncio. Conservou-se respeitoso, durante a prece para encerramento do receituário. Retirou-se vagarosamente, e por alguns instantes ainda nossa visão espiritual distinguiu-o, caminhando ao longe, por uma estrada ligeiramente inclinada, polvilhada de uma substância creme e meio cintilante... E pareceu-nos que chorava...

Não mais tornamos a ver essa individualidade espiritual, ou sequer tivemos notícias dela. Não indagamos, jamais, do seu paradeiro aos instrutores espirituais que nos assistiam. Mas, não a esquecíamos. Orávamos em sua intenção, durante nossos trabalhos, e a convidávamos a acompanhar-nos nos estudos diários obras espíritas, que sistematicamente fazemos até hoje. Não mais pressentimos sua presença, nem qualquer intuição informativa a seu respeito. Quatro anos depois da sua visita, no entanto, ou seja, pelo ano de 1934, fazíamos a seção “Sociais” para jornal semanário do interior, de propriedade de um dos nossos irmãos. No momento de empunhar a caneta para traçar as primeiras linhas daquele noticiário, alguém do Invisível, que não conseguíamos identificar, arrebatou-nos o braço,

atira a caneta para o lado, toma do lápis e traça velozmente uma pequena novela, intitulada “Deodato”, posteriormente publicada, em folhetins, por um conhecido jornal espírita do Rio de Janeiro. Esse trabalho, com todos os característicos dos ditados mediúnicos, recebido em momento impróprio, sem que nos houvéssimos preparado sequer com uma prece, sem que ao menos tivéssemos pensado em qualquer categoria de Espíritos, foi traçado tão rapidamente que não pudemos interrompê-lo senão para trocar de lápis, e quando, finalmente a entidade comunicante modelou a última frase, e exclamou, como de hábito em trabalhos congêneres:

– “Ponto final!”

Não após assinatura. Certa de que, absolutamente, não seria de nossa lavra a produção literária que acabávamos de compor, pois que somente escrevemos sob influência dos Espíritos, ainda quando o trabalho se afigure nosso, como acontece com o presente volume, rogamos à entidade, enternecida, sentindo ainda a sua presença e a ternura que nos invadiu, dulcificando nosso coração:

– “Querido irmão, muito agradeço a benevolência da vossa presença... com a mimosa dádiva literária com que me presentais... Que o Senhor vos ilumine e abençoe, tornando-vos feliz na Espiritualidade... Tende a bondade de assinar o vosso trabalho...”

Esperávamos, mas a entidade quedava-se silenciosa e esquiva. Repetimos a súplica:

– “Tende a bondade de assinar... Um trabalho anônimo, de Além-

Túmulo, não tem valor... e não poderá ser publicado...”

Então o visitante “falou”, docemente, e confessamos que, decerto, um embotamento singular nos obscurecia as intuições, até o momento presente, em que escrevemos estas páginas, impedindo-nos reconhecer o Espírito que então nos visitava, pois que, realmente, apenas neste momento somos informada, quando o é também o leitor, de que o autor espiritual da novela “Deodato”, escrita em 1934, fora o amigo “Beletrista”. Respondeu-nos ele, porém, naquela época, sem que o identificássemos:

– “Assina tu mesma... Presenteio-te com ela... Eu não desejo aparecer...”

Ora, chegando a esta altura do presente capítulo, que nos está surpreendendo mais do que ao próprio leitor, eis que o venerável Espírito Dr. Bezerra de Menezes, um dos patronos espirituais do Centro Espírita de Lavras, pela época em que lá habitávamos, e onde, pela primeira vez, falamos ao amigo “Beletrista”, irradiava até nós seus pensamentos, avisando-nos de que diria algo a respeito. Atencioso,!

comovida, oramos, esperamos... cedemos-lhe o lápis... Vejamos o que dirá o amado Espírito que, do Além, como outrora, sobre a Terra, tantas lágrimas soube enxugar nos corações sofredores:

– “Há vinte e sete anos, quando a ti foi exigido o testemunho do Desinteresse, que integra a série de provas programadas pela Iniciação constante dos métodos da Escola de regras orientais a que teu espírito é subordinado, esse irmão, que cognominas de “Beletrista”, sofredor, mas amável, bem-intencionado, mas espiritualmente incompetente, e ansioso por algo sublime que o renovasse, norteando-lhe os passos na jornada espiritual, foi o indicado para a tentação que seria mister sofredores, como Espírito delinqüente perante o Evangelho, necessitado de testemunhos renovadores ante as leis eternas. Mercê de Deus, cumpriste o dever de aprendiz, desinteressando-te dos haveres e glórias do mundo, com a discrição conveniente ao Espírito iniciante na Verdade. Afinado com os teus próprios sentimentos e ideais, “Beletrista” não só te vem discretamente

acompanhando durante esses vinte e sete anos, sob nossa vigilância, como muito aprendeu contigo mesma, referência feita aos estudos e práticas da Doutrina, que nunca negligenciaste pois que ele aceitou o teu antigo convite, para acompanhar-te nesses misteres. Como médico que foi na Terra, muito se dedicou agora, como Espírito desencarnado, aos enfermos e aflitos que às tuas possibilidades mediúnicas solicitavam receitas e indicações para tratamento da saúde, o que quer dizer que os tratou e curou por teu intermédio, sem que te apercebesse de que era ele que o fazia! Ele fez mais, porém: como intelectual que também é, amante e cultor das Belas Letras, muitas crônicas, artigos e até “conferências” que escrevias e lias, outrora, em reuniões de estudos espíritas, escreveu-as ele com o teu lápis e a tua mão, servindo-se das tuas faculdades de intuição. Eu, porém, ou alguém por mim, fiscalizava e presidia tais atividades... pois “Beletrista” é meu pupilo espiritual, a quem muito quero, e que preparo e reeduco para nova existência carnal.

Propositadamente, obstávamos intuições e esclarecimentos concernentes ao caso... É bom que o médium ignore muitos acontecimentos em que toma parte, como agente transmissor da Espiritualidade, a fim de que a vanglória e a pretensão, sempre fáceis de se infiltrarem no caráter humano, não lhe anulem as possibilidades prematuramente, antes de ele próprio se servir dos ensejos que recebe, e que lhe são de justiça, para as tentativas de progresso. Não ignoravas tratar-se de ditados mediúnicos intuitivos

os trabalhos literários que obtinhas sem assinatura. Mas, os que te cercavam, amigos, familiares, companheiros de ideal, julgavam tratar-se de produções da tua própria mente... Seria ainda, de algum modo, um testemunho grave, onde seriam provados os teus pendores para a simplicidade ou a vaidade... como também seria um aprendizado indispensável ao pobre sofredor, que iniciava a própria reeducação à luz do Consolador e precisava progredir... Graças à bondade do Mestre, que nos socorreu, vencemos todos! “Beletrista” terminou o curso e reencarnará quando desejar, para novos testemunhos, que implicarão sua renovação para o domínio do Espírito. Se quando outrora, ele a ti se dirigiu pela primeira vez, tentando convencer-te a anuir aos seus intentos, oferecendo-te “fortuna” e “glória”, tu o tivesses atendido, resultaria de tal conluio uma obsessão para ti mesma, a qual possivelmente redundaria em suicídio, pois que terias exposto as tuas faculdades, positivas como são, às forças inferiores do Invisível, visando a interesses mundanos, pois, então, serias abandonada ao teu livre-arbítrio; e, para ele, agravo de responsabilidades e situações futuras precaríssimas, pois que “Beletrista”, pela época, ainda não se encontrava em condições de desempenhar um ministério espiritual de tal gravidade... Vejo, porém, a interrogação em teu cérebro: – E o suicídio por ele praticado?...

Não houve, exatamente, um suicídio, na expressão costumeira do termo, visto que, pela época do seu decesso físico, ele se encontrava totalmente presa de graves distúrbios nervosos, além de obsidiado ▶

## ESTUDO

pela entidade suicida Maria Elisa, a qual, reconhecendo-se viva em Além-Túmulo, negava-se a abandoná-lo, afeita ao elo sentimental que os unira... Ele, portanto, não teve intenção de matar-se, não premeditou o suicídio, nem mesmo assistiu com os próprios sentidos ao ato que praticou. E, assim sendo, não houve o drama consciencial, ou seja, a responsabilidade de consciente infração a uma lei da Natureza, no sentido lato do termo. Caberá, portanto, ao obsessor a maior dose de responsabilidade no lamentável fato. Todavia, a consciência acusa-o de infrações outras, das quais resultaram a neurastenia e o desequilíbrio, da própria personalidade, que deram causa à obsessão e ao suicídio, como ao respectivo estado de penúria moral no mundo invisível. E quando uma rede de tais complexos agrilhoa a consciência de um Espírito desencarnado, só existirá para ele um recurso: a correção dos distúrbios íntimos, dentro de uma reencarnação reparadora! Este noticiário, que a ti surpreende, será, portanto, como a sua despedida, pois voltará muito breve a um a nova morada carnal. Agradece-te ele o que, como médium, a seu benefício fizeste sem o saberes, dentro dos ensinamentos do Consolador... Vinte e sete anos de estudo, de meditações e trabalhos, de lágrimas e experiências, nas paisagens da Pátria Espiritual, em conjugação com a Terra, reabilitaram-no plenamente, para que dele esperemos vitória decisiva no futuro aprendizado terrestre. E eis aí, minha amiga, as grandes tarefas que a todos nós, encarnados e desencarnados, o Consolador confia:

reeducar as almas frágeis, da Terra e do Invisível, enxugar as lágrimas da aflição, acender nos corações, entristecidos pelas amarguras desesperadoras, a divina lâmpada da Esperança, nortear os passos do caminheiro da Vida ainda vacilante, elevar a criatura, finalmente, para a glória da harmonização consigo mesma e com as leis do seu Criador, para o triunfo na vida imortal!”

Aqui, ao nosso lado, agora, desenha-se a figura perispiritual do antigo e bom amigo “Beletrista”. Que diferença daquela com que se nos apresentou há quase trinta anos! Vaporosa, fluidicamente bela, rejuvenescida, quase translúcida, agora encanta e enternece, porque recorda um poema de dores e de lágrimas, de trabalho e de progresso, de boa vontade e dedicação, drama acerbo que a Doutrina do Senhor remediou e consolou! Seu sorriso, no entanto, é ainda triste e seu semblante é grave. Apóia o punho fechado sobre a mesa em que estas linhas são traçadas - exatamente como, há vinte e sete anos, na mesa do “Posto Mediúnico”, onde terminávamos o receituário, dele ouvíamos a “tentação” para escrever sob seu controle mental, assinando nós mesma as produções que nos desse, afim de adquirirmos “fortuna” e “glória”. Fita o papel, sorrindo, lendo o que escrevemos... tal o velho hábito de participar dos nossos estudos e labores espíritistas... E dizemos-lhe, confiante, antigos amigos que somos:

– “Dá-me o teu nome agora, para que o transmita ao leitor...”

Aproxima-se... Puxa-nos docemente a orelha... e responde, com

aquele sorriso grave, que comove:

– “Curiosa!... Como tu és mulher!... Anseio por uma reencarnação que me leve a esquecer esse nome... e até a minha própria personalidade atual... Como queres que eu os relembre ao mundo?...”

Fez um gesto para retirar-se, traindo certo amargor com a recordação. Mas a nossa descaridosa impertinência o detém, e indagamos ainda:

– “E... Maria Elisa?...”

Bate com o punho fechado, brandamente, sobre a mesa, suspira, comprime os lábios num ríctus denunciador de contrariedade. Parece que esses gestos lhe eram habituais durante a vida carnal... E responde:

– “Bem ... A misericórdia do Eterno foi grande bastante para se estender sobre as suas imensas desgraças... e a bondade paternal do venerando Dr. Bezerra de Menezes foi a intermediária de que Deus se serviu, a fim de socorrê-la...”

E lá se vai “Beletrista”, caminhando, a passos lentos, por uma estrada suavemente inclinada, sempre a mesma, mas agora como que esbatida por cintilações de opala...

Vemo-lo ainda, muito ao longe... quando nada mais há a fazer senão preces amigas pela sua vitória final...

Fonte:

PEREIRA, Yvonne A. *Devassando o Invisível*.  
Págs. 174 - 209. Feb.